

## **A GOSTO: FRAGMENTOS E DISPARADORES**

*Por amilton de azevedo<sup>1</sup>*

Um espetáculo muitas vezes não se resume naquilo que acontece ao longo de sua apresentação. Olhar para *A Gosto*, da Cia Cássio B de Teatro (Lorena/SP), é considerar os onze anos de existência do trabalho anteriores às 23 horas e 59 minutos da sexta-feira, 1º de setembro de 2023 e é também considerar o bate-papo que adentrou a madrugada do sábado no Centro de Estudos Teatrais (CET), localizado no Centro Cultural Clemente Gomes.

Nosso olhar sobre o mundo – matéria prima da arte – é continuamente transformado por mudanças sociais, culturais e individuais. Isso faz com que, nessas trajetórias, materiais da ordem do concreto e do simbólico sejam aos poucos decantados, formalizados e re-formalizados, acabando por modificar uma criação ao longo dos anos. Diferente de outras mídias e linguagens, o teatro carrega consigo a particularidade de acontecer no tempo presente: é comum dizer que um filme "envelheceu mal", por exemplo.

No caso de uma obra audiovisual, é possível analisar o contexto que circunda o momento de sua produção e compreendê-la a partir de tais circunstâncias. Palavras se percebem inadequadas, estereótipos vão sendo quebrados, piadas deixam de ter graça; a cultura se compõe em processo – e, talvez, em tempos de hiperconectividade global, para o bem e para o mal, seu movimento esteja até mais acelerado.

Importantes demandas passaram a ter maior visibilidade a partir de mobilizações nas ruas e nas redes; questões relacionadas à gênero e sexualidade são parte deste

---

<sup>1</sup> *amilton de azevedo é crítico e professor de teatro. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, desenvolvendo pesquisa em torno da crítica teatral contemporânea no Brasil. É mestre em Artes da Cena, especialista em Direção Teatral e bacharel em Teatro pela Escola Superior de Artes Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Criou a plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>) em 2017, onde publica regularmente textos sobre teatro. Escreveu para a Folha de S. Paulo e colabora como crítico, debatedor e curador em festivais internacionais, nacionais e regionais, como o MIRADA, a MITsp, o Cena Bárbara e o FESTÃO. Ministra oficinas de crítica junto a instituições como a SP Escola de Teatro e unidades do Sesc São Paulo. É membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro).*

movimento e estão no centro de *A Gosto*, com direção e dramaturgia de Cássio Borges. É possível imaginar – e algo nesse sentido foi dito no bate-papo – que o espetáculo fosse absolutamente outro em sua gestação, no ano de 2012<sup>2</sup>. Não só as pautas em discussão eram outras, mas também os termos, aproximações e nomeações estavam conectados a esse tempo.

Para ficar com um exemplo, fazia apenas quatro anos que a 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais havia ocorrido; foi nela em que a sigla LGBT foi adotada formalmente no Brasil, substituindo a anterior, GLBT, a fim de destacar as reivindicações de mulheres lésbicas<sup>3</sup>. Hoje, a adição de outras letras à sigla significa que mais e mais expressões de gênero e sexualidade são reais e possíveis, complexificando – no melhor sentido – a diversidade das relações afetivo-sexuais que podem se constituir.

Pois junto à visibilização dos tantos modos de existir no mundo, ganha corpo, em paralelo, um debate sobre as formas de se relacionar com outras pessoas. Relações abertas, não-monogamia, poliamor: cada vez mais, não é necessário seguir uma fórmula tradicional para estar com alguém, seja romanticamente, sexualmente e até mesmo afetivamente. Em que pesem as críticas à essas formas, apontadas como consequência da pós-modernidade, individualistas, egóicas, rasas, fato é que nos últimos tempos, refletir em torno destes "amores líquidos" – para utilizar o termo do filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925 – 2017) presente na sinopse de *A Gosto* – nos leva a pensar sobre o nosso desejo e como lidamos com ele.

Ao levar a cena seus personagens, três homens e duas mulheres (os cinco lidos como cisgêneros), a Cia Cássio B. de Teatro busca desenhar um mosaico a fim de lançar luz à questões referentes a uma parte deste enorme prisma que é a diversidade; o foco está nas intersubjetividades, nas tensões, paixões e violências que se apresentam na encenação.

No início de *A Gosto*, uma produtora vai ao microfone para alguns anúncios e, entre suas falas, lê a sinopse do espetáculo. É uma escolha curiosa: ainda que muitas

---

<sup>2</sup> Em uma publicação na página do Facebook da Cia Cássio B. de Teatro para divulgar apresentações do espetáculo em 2022, o grupo fala um pouco sobre o contexto da estreia e das transformações do trabalho. Veja em <<https://www.facebook.com/cassioborgesss/posts/2082441678587834/>>

<sup>3</sup> Ver *Movimento GLBT decide mudar para LGBT*, disponível em <<https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL593295-5598,00-MOVIMENTO+GLBT+DECIDE+MUDAR+PARA+LGBT.html>>

pessoas da plateia talvez tenham se interessado pelo trabalho precisamente por sua sinopse, escutá-la imediatamente antes de assistir à obra parece carregar consigo uma força tendenciosa de conduzir o olhar diante daquilo que acontecerá.

Chamou atenção, também, pelo fato de que no catálogo online do 37º Festivale<sup>4</sup> o texto da sinopse não se encontra na íntegra, provavelmente por questões de número de caracteres e o espaço disponível. Ficou de fora o seguinte trecho: "Temas como homofobia, violência contra a mulher, feminicídio e amores líquidos são consequências que concretizam o desequilíbrio e os desejos instalados em cada relação humana". Por um lado, contornar as intenções da obra parece uma estratégia interessante; por outro, corre-se o risco de delimitar a fruição, afunilando expectativas.

Na estrutura do espetáculo da Cia Cássio B., imagens performativas e situações dramáticas se alternam em "fragmentos de uma decepção amorosa", parafraseando o comentário feito pelo mediador Fernando Rodrigues, brincando com o título de um interessante livro de Roland Barthes (*Fragmentos de um Discurso Amoroso*), onde o intelectual analisa, por meio de exemplos da literatura, da história e da filosofia, como se estrutura o amor enquanto discurso. A investigação de *A Gosto* parece ser mais prática e cotidiana: nas relações (líquidas) vistas na cena, é difícil até mesmo se falar em amor e desamor. Como dito na sinopse, é sobre desejos e consequências.

Talvez por isso a presença de imagens de fuga e perseguição, quase como contraponto às permanências – e insistências – das personagens em suas situações. Nesses fragmentos performativos, *A Gosto* traz momentos corais, onde ruídos visuais e sonoros permitem que a cena se mantenha polissêmica, com expressividades construídas também em detalhes que por vezes podem escapar dos olhares do público. Por outro lado, uma maior verticalização dessas composições seria bem-vinda; um tensionamento delas até o limite, até para que elas possam vir a se tornar outras, e assim sucessivamente, emaranhando a fragmentada encenação.

No jogo das relações entre as cinco personagens, a intrincada teia que os conecta parece insuficientemente desenvolvida no sentido de dar a ver quem são todas aquelas pessoas. Há uma espécie de hierarquia, talvez resultante das transformações do trabalho ao longo dos anos, que faz da relação de Isabel (Patrícia Guia) e Dan (Matty Almeida) central no enredo apresentado, de modo que Telma

---

<sup>4</sup> Disponível em <[https://linktr.ee/fccr\\_sjc](https://linktr.ee/fccr_sjc)>

(Laura Reis), Rubens (Igor Martinez) e Renato (Jafhy Borges) acabam sendo satélites que orbitam o casal. Essas três também trazem consigo temas relevantes ao debate do espetáculo, mas por conta do impacto do desenvolvimento narrativo da relação abusiva de Dan e Isabel, acabam relegados a um segundo plano enquanto subjetividades independentes – a encenação e a dramaturgia até buscam trazer à tona essas outras questões, mas é mesmo a violência contra a mulher que se mantém no primeiro plano.

A presença do narrador, função de Cássio Borges, carrega algo de enigmático em suas intervenções. Ali, a dramaturgia corre por outro caminho, para além do realismo dos diálogos, fugindo do discurso direto, mantendo-se em suspenso, experimentando outras formas de dizer que não na literalidade da palavra. *A Gosto* traz nesses intervalos de compreensão algumas interessantes provocações; a escolha dos figurinos (de Cássio Borges e Igor Martinez), por exemplo: todas as personagens vestem uma camisa jeans azul escura e roupas de baixo pretas, com exceção do narrador. Seria uma forma de indicar que em contraponto à individualidade dos desejos ali expostos há algo de coletivo na construção deles? *A Gosto* está focado nas ações individuais das personagens, mas é evidente que violências ligadas a gênero e sexualidade – da homofobia ao feminicídio – carregam consigo um caráter sociocultural, que vão muito além de um pensamento ou uma atitude.

Nesse sentido, a Cia Cássio B. faz do teatro também veículo de denúncia quando dados de violência no Brasil são diretamente enunciados no microfone por Jafhy Borges. Os fragmentos de *A Gosto* tornam-se disparadores. E aí é necessário olhar e pensar sobre o bate-papo que sucedeu a apresentação do espetáculo no 37º Festival. Duas mulheres na plateia compartilharam suas histórias – uma ocorrida horas antes, no mesmo dia; outra, há poucos anos. Há que se ter muito cuidado com a abordagem que se faz de certos temas na arte, mas é fácil de perceber que falar deles é sempre importante. Obras podem engatilhar reações diversas em vítimas de violência; na camada do que é visível, ou seja, do que foi dito na roda de conversa, *A Gosto* suscitou o desejo de partilha – o que emocionou o público presente e, profundamente, o elenco.

Por fim, e aqui me colocando em primeira pessoa, enquanto homem cisgênero, um último comentário, escrito com muito carinho: durante o bate-papo, as intervenções do grupo, fossem elas respostas, comentários ou agradecimentos, foram realizadas

majoritariamente pelos artistas homens. Pode soar como um detalhe pequeno, mas em especial num momento como foi o daquela bonita e íntima conversa, por mais que tomados pela emoção – e acredito que todos presentes estavam – é importante estar atento a isso. Pensei muitas vezes se escreveria este parágrafo, até porque aqui não estou falando sobre o trabalho em si, e decidi compartilhar essa minha percepção; não se trata de nada grave, é óbvio. Mas, às vezes, algumas coisas nos escapam. Em certas ocasiões, nessas tantas transformações do mundo (onde esse trabalho da Cia Cássio B. também se insere como agente de mudança!), mais do que encontrar o que dizer, o melhor a se fazer é silenciar e ouvir.